

ABR. 1957

41

# TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA  
ARTISTICA E ETNOGRAFIA



S. TIAGO AOS MOUROS

BAIXO-RELEVO INCRUSTADO SOB O CÔRO DA IGREJA GÓTICA DE S. TIAGO DO CACEM

LISBOA  
MCMXXV

## SUMÁRIO

N.º 41 — JULHO DE 1925

	Pag.
<b>ARTE:</b>	
S. Tiago aos Mouros — V. C.....	85
<b>ARQUEOLOGIA:</b>	
The Evora Gorget (A xórca de ouro de Evora) — V. C.....	86
Um amuleto egípcio da necrópole de Alcacer do Sal — V. C.....	90
<b>CRONICA:</b>	
Satisfação aos leitores.....	94
Liquidação de contas.....	94
Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Sciencias.....	96
Curso de Férias na Faculdade de Letras de Coimbra.....	96
Livros.....	96

Só se publica a colaboração solicitada «por nós».

A «Terra Portuguesa» só permuta com publicações da sua indole.

Todos os pedidos de fascículos, volumes e capas da Revista, devem ser dirigidos á Livraria Ferin, R. Nova do Almada, Lisboa.

**Preço deste numero: 2\$50**

# TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITERARIO:

VERGILIO CORREIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua da Estrela, 39

PROPRIETARIO E EDITOR:

D. SEBASTIÃO PESSANHA

JULHO DE 1925

Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

LISBOA

TOMO V—N.º 41

## S. TIAGO AOS MOUROS

NESTE numero de Julho, da *Terra Portuguesa*, mês em que se venera S. Tiago, patrono da Hispânia, quadra melhor que em qualquer outro a divulgação do extraordinario baixo-relevo representando o Santo, cuja reprodução hoje se estadeia na capa da nossa revista.

E' deficiente a fotografia; basta porem para indicar o valor da obra de arte, o baixo-relevo gótico de maiores dimensões que conheço em Portugal.

E' uma obra formidavel de proporções, medindo no quadro rectangular onde a emmolduraram, 2,40 de comprimento e 1,64 de alto. E alem de uma obra mages-tosa é, fóra da escultura tumular e da imaginária avulsa, a melhor obra plástica do seculo XIV, entre nós.

Representa S. Tiago a cavalo, brandindo a espada e segurando com a séstra as redeas e um pendão, perseguindo um grupo de mouros que na fuga ainda tentam resistir. A posição das figuras, a indumentária, o gosto escultórico permitem-nos agrupar este baixo-relevo com as figuras do frontal do tumulo de Fernão Sanches (?) que Possidonio da Silva descobriu em 1866, em Santarem, e trouxe para o Museu do Carmo. Numa e noutra obra vemos o mesmo modo de trabalhar a pedra, na escultura dos cavalos, no modelar das roupas, no talhar das faces, das cabeleiras e das barbas entrançadas, no reproduzir minucioso dos pormenores mouriscos e cristãos do armamento e vestuário.

Encontra-se este admiravel monumento na matriz gótica de S. Tiago do Cacem, que estudei e sobre a qual preparo uma monografia.

V. C.

## THE EVORA GORGET

(A XÓRCA DE OURO DE EVORA)

**P**ERANTE a *Society of Antiquaries* de Londres, de que é membro, fez em fins de 1924 o ilustre arqueólogo, etnógrafo e crítico de arte, Salomon Reinach, uma comunicação que particularmente interessa a Portugal. Intituiu-se essa comunicação «The Evora Gorget» e foi publicada integralmente em o número de abril de *The Antiquaries Journal*, com o compte-rendu da discussão que se seguiu ao comunicado. «The Evora Gold Gorget» é uma grossa xórca de ouro em forma de crescente maciço pesando 2.300 gramas, que foi descoberta em Portugal, nos arredores de Evora, por 1883 (?), e em 1920 foi vendida para o Museu de Saint-Germain en Laye, de que Salomon Reinach é director. Semelhante a outras peças de ouro igualmente aparecidas em Portugal — uma no ano de 1883, em Penela, outra em 1895, em Sintra — a xórca de Evora permitiu ao comunicante estabelecer uma relação entre Portugal e a Irlanda na idade do bronze, e apresentar uma opinião que supõe fundamentada, acêrca da idade de todas essas joias.

Tanto a xórca de Evora, como as de Penela e de Sintra, pertencem, segundo o mesmo ilustre arqueólogo, à idade do bronze, podendo comparar-se às *lunulae* irlandezas. Em 1900, depois de um estágio de estudo em Dublin, Reinach reconheceu já a idade remota desses crescentes de Irlanda, opinião depois seguida por Coffey, Armstrong, etc.

A xórca de Penela, que Possidónio da Silva publicou, era mais pequena que a de Evora, e pesava 1800 gramas. Reinach conheceu-a através as notícias e reproduções de Cartailhac e Pierre Paris, mas diz ignorar em que livro se inseria essa estampa, bem como o destino que levou após ter sido comprada pelo rei consorte D. Fernando, facto de que teve noticia, segundo afirma, por intermedio de umas frases de Leite de Vasconcelos em 1896.

Podemos informar o ilustre director do Museu de Saint-Germain de que a estampa de Possidónio da Silva pertence ao *Boletim* da Associação dos Archeologos IV, pag. 62 e 63 (1), onde saíu tambem uma noticia referente à peça.

Quanto ao destino da joia ignoro-o igualmente. Mas diz-se que estava num dos Paços reaes e que por ocasião da revolução de cinco de outubro de 1910, antes de os republicanos se terem apossado dos mesmos Paços, alguém que conhecia o seu valor a fez desaparecer. Certo é que não foi encontrada.

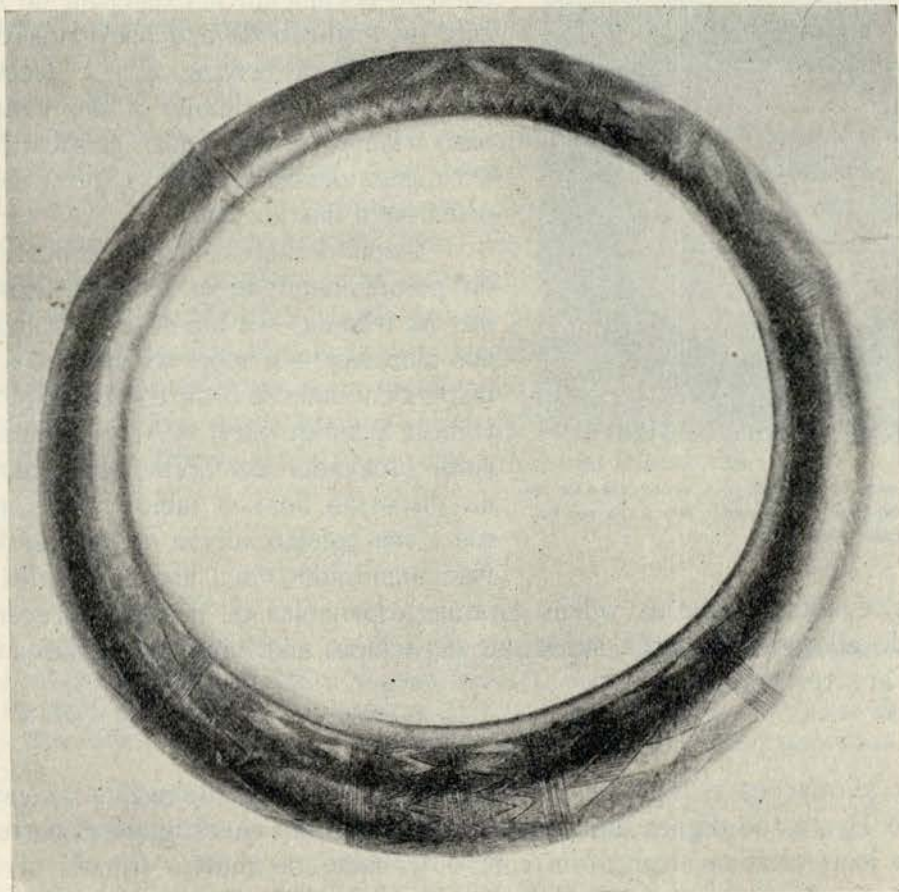
---

(1) Cfr. Leite de Vasconcelos. *Xórca de ouro*, vol. II, de *O Archeologo Português*, pag. 21.

## THE EVORA GORGET

Nesta altura do seu comunicado Reinach atribue um novo filho a Possidónio, porque o vendedor do colar de Evora se apelida *da Silva*, como o dito «chevalier» *da Silva*, confusão explicavel por parte de um estrangeiro desconhecedor da disseminação frondosa dos nossos apelidos.

A terceira xôrca a que se referiu o director do Museu de Saint-Germain é a de Sintra, achada sob uns penedos em 1895, e que foi vendida para o Museu Britânico, possuindo dela o Museu Etnológico uma perfeita reprodução, adquirida em



GRANDE XÔRCA DE OURO (PESO 2.300 GR.), ENCONTRADA NOS ARREDORES DE EVORA

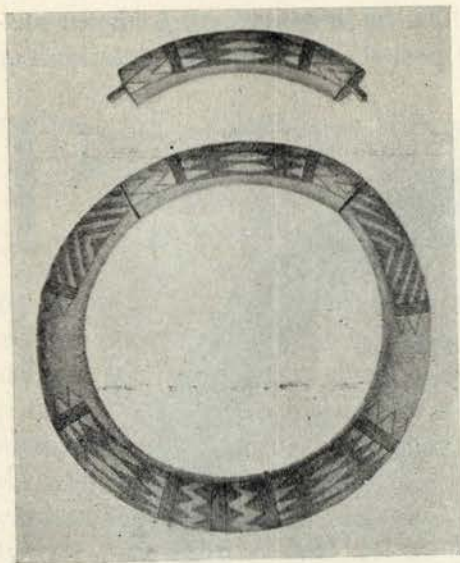
Londres por Leite de Vasconcelos. É composta de 3 xôrcas sobrepostas e adornada com uma especie de campainhas (duas de cada lado), junto das pontas do crescente. O sistema do fecho é diverso do das peças de Evora e Penela. Pesa 1.262 gramas.

A arte das três joias, constituída por ornatos geometricos — losangos, triangulos simples e compostos, separados por faixas de linhas paralelas abraçando os tóros — riscados no metal com segurança e gosto, revelam uma técnica aperfeiçoada.

Porque as atribui Reinach à idade de bronze, quando outros autores de renome as consideraram da primeira idade do ferro, halstatienses? Por diversas ra-

## THE EVORA GORGET

zões. 1.º) A ornamentação da idade do bronze não se pode distinguir nítidamente da da primeira idade do ferro. 2.º) os objectos de ouro maciço são raros no período halstatiense, pois se encontravam então esgotados os jazigos de superfície, tão abundantes no ocidente europeu na 1.ª parte da idade do bronze. Argolas



XÓRCA DE OURO (PESO 1 800 GR.), ENCONTRADA EM PENELA (SEGUNDO A REPRODUÇÃO PUBLICADA POR POSIDONIO DA SILVA)

só se fundem em época de abundancia aurífera. É o caso da Irlanda, verdadeiro Eldorado no 2.º milénio A. C. 3.º) A decoração documenta a existencia de uma escola ou tradição de arte, revelada em muitos objectos de bronze. 4.º) A decoração é não somente semelhante à das *lunulae* de ouro irlandezas, mas quasi identica. Provada a vetustez dessas *lunulae* (2500-1500 A. C.) prova-se a das xórcas.

Depis de algumas considerações acêrca da possibilidade de estabelecimentos lusitanos na Irlanda — a hipótese contrária é menos plausível — e sobre as oscilações da cronologia da idade do bronze segundo Montelius, Hubert Schmidt, Siret e Artur Evans, o glorioso escavador de Creta, que tomou parte na discussão final, o sabio francês apresentou a sua opinião acêrca do destino do colar.

Não admitindo o seu uso por chefes ou sacerdotes, e notando que as velhas estátuas espanholas de deuses aparecem recamadas de adornos e colares, supõe que em tempos anicónicos taes colares decorariam as arvores sagradas.

As afirmações e hipoteses expendidas por Salomon Reinach a propósito da xórca de Evora são dignas da atenção e do estudo dos investigadores portugueses.

As joias citadas alcançaram com o trabalho do mestre francês divulgação mundial, não só nas paginas do *Antiquaries Journal* mas principalmente pelos magazines de grande tiragem, que resumiram a comunicação e reproduziram as illustrações. O artigo de *The illustrated London News*, (n.º de 11 de Abril) a p. 626-7, é sob este ponto de vista, muito notavel. Publicadas em linguas internacionais, em jornais e revistas de publico universal, noticias como as referentes à xórca de Evora valorizam extraordinariamente a nossa arqueologia.

Mais que a mera posse das joias, que lá fóra, como cá, têm de figurar em effigie quando faltam as casas-fortes apropriadas, interessa-nos esta divulgação, que torna conhecidos, comentados e discutidos, documentos importantes das nossas culturas extintas.

Inserindo na *Terra Portuguesa* esta noticia, a primeira que se publica em

## THE EVORA GORGET

Portugal a tal respeito (1) aproveito a ocasião para apresentar algumas observações que me ocorreram durante a leitura do trabalho do sabio francês.

Cartailhac, Pierre Paris e Leite de Vasconcelos consideraram as joias referidas como proto-históricas, da idade do ferro, baseando-se principalmente na ornamentação. A isto respondeu Reinach, como atrás vimos, assegurando que não havia diferença sensível entre as maneiras decorativas da idade do bronze e primeiro período do ferro. Perfeitamente. Fica todavia por explicar como as *campainhas* de pistilo fixo, semelhantes às da xórca sintrense, aparecem, servindo de botões terminais de pés de fíbulas, durante a idade do ferro. Dois exemplares portugueses apresento destas fíbulas: um transmontano, já reproduzido em *Religiões da Lusitania* III, p. 128; outro inédito que encontrei em Alcacer do Sal, nas escavações deste ano.

Nas mesmas escavações encontrei na sepultura n.º 48, ao lado de um amuleto egípcio do tempo de Psamético I, que adeante descrevo, uma argola de prata de áro maciço, em forma de crescente, entre cujas pontas gira o aro dourado de engaste de uma pedra desaparecida. Ora esse anel, que mede 0,038 de diametro maximo é, em ponto pequeno, uma autentica xórca, em que apenas a parte desmontavel do fecho é substituida pelo aro da pedra fina ou sinete.

Joia absolutamente mediterranea, largamente representada nos hipogeus de Cadiz e Ibiza, especialmente nos primeiros, datando do meado do 1.º milénio A. C., seria tambem curioso estabelecer a causa da sua relação morfológica com os colares de Evora, Penela e Sintra, e com as *lunulae* irlandezas (2).

V. C.

---

(1) Em o n.º 1134 do jornal vespertino *Diario de Lisboa*, 16 de Dezembro de 1924, lê-se, na 1.ª columna da 1.ª pagina, a seguinte noticia:

«Ha anos, em 1882, nas vizinhanças de Evora, appareceram tres objectos de ouro, da epocha prehistorica, sendo um deles uma *torque* de grande peso e de excepcional valor archeologico.

O nosso governo recusou-se a compra-la apesar de lhe ser oferecida varias vezes e nas melhores condições, pois os proprietarios se limitaram a pedir um preço razoavel.

A fim de evitar que se extraviasse ou fosse vendida a qualquer ourives que a fundisse, o sr. dr. José de Figueiredo, benemerito director do Museu de Arte Antiga, conseguiu que fosse adquirida pelo Museu Nacional Francês de Archeologia de «Saint Germain-en-Laye», superiormente dirigido por Salomon Reinach.

Este, tendo sido convidado ha pouco para ir a Inglaterra fazer uma conferencia, na Real Sociedade dos Antiquarios de Londres, escolheu para tẽma a *torque* eborense — o que nos mostra a grande importancia que lhe attribue o illustre mestre.

Todos os jornaes de Londres, como o *Times*, *Daily Mail*, *Observer*, etc., se referem largamente a este trabalho, que foi ouvido com a maior admiracão.

Segundo nos consta, o respectivo texto deve aparecer num dos proximos numeros da revista *Lusitania*».

(2) Em o n.º 5 (1884) do *Boletim* da Associação dos Archeologos, Mr. G. de Cougny considerou a argola de Penela de fabrico oriental, fenicia ou egipcia, possivelmente aproveitada para adornar uma estatua de Melk-arth ou Astarté.

## UM AMULETO EGIPCIO DA NECRÓPOLE DE ALCACER DO SAL

*A Arthur Ribeiro Lopes e Herculano Nunes*

**D**URANTE OS meses de Fevereiro e Março, e ainda na primeira semana de Maio do corrente ano de 1925, realizei em Alcacer do Sal, em terrenos pertencentes ao professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e eminente cirurgião, Dr. Francisco Gentil, por ele proprio subsidiada a escavação, uma campanha archeologica que teve como consequencia a exploração de meia centena de sepulturas no «Olival do Senhor dos Martires», onde em 1874 e 1895 casualmente se haviam encontrado objectos romanos e pre-romanos — estes ultimos em grande maioria —, o que indicava a existencia de um vasto cemitério utilizado durante seculos seguidos.

Essas sepulturas proporcionaram um espolio interessante e valioso, que, terminada a exploração, será descrito e vulgarizado em conjunto. Para satisfazer a curiosidade dos que, tanto de Portugal, como de França, Espanha e Inglaterra se me têm dirigido perguntando as conclusões a que cheguei acerca da época certa e characteristics da celebre necrópole, publiquei já algumas informações parcelares e uma conferencia, conducentes a esclarecer esses problemas. Ao mesmo intento obedece o presente artigo.

O rito seguido no cemiterio pre-romano foi o da incineração, que se realizava queimando-se os corpos quer em *ustrinum* comum, quer em «quemaderos» privados, sendo os restos da cremação deixados no local ou recolhidos em urnas, que eram depostas com as armas, adornos e joias do defunto, entre o vasilhame funerario. Das variantes me occuparei em outro trabalho.

No dia 24 de Março de tarde, o trabalhador que cavava uma trincheira de sondagem, encontrou a 1,60 de fundo, debaixo da terra revolvida na cava de 1874, e dentro de um estrato compacto e inviolado de terreno argiloso, um *cinzeiro* formado de terra ennegrecida, cinzas decompostas e fragmentos miudos de ossos, de que a breve trecho extraiu uma argola grossa de prata e um outro objecto oval que, expurgado das adherencias, reconheci ser um escaravelho-amuleto com hieroglifos inscritos. A argola, aberta como um crescente, tinha entre as pontas um engaste movel dourado cuja pedra desaparecera, provavelmente estalada durante a cremação. O amuleto era igualmente engastado em prata, em aro semelhante aoda argola; mas se esteve, como o outro engaste, ligado a um anel, esse anel não apareceu. É possivel porém que se encontrasse solto, porque pelo interior do es-



## UM AMULETO EGIPCIO DA NECRÓPOLE DE ALCACER DO SAL

caravelho podia passar, atravessando de tópo a tópo, um fio de suspensão, e esse era o modo usual de utilizar taes amuletos.

O achado era importantissimo, dada a raridade de tais objectos na Peninsula. De Portugal eu só conhecia alguns que figuravam na colecção algarvia de Judice, e que ingressaram no Museu Etnologico sem indicação de procedencia, mas que naturalmente foram comprados no estrangeiro.

Alargada a cova em volta do local, veio a descobrir-se o fundo da sepultura a que pertencia o espolio encontrado. Ao contrario do que sucedia nos enterramentos superiores, aqui as cinzas jaziam sobre o proprio fundo do *ustrinum* onde o corpo fôra consumido, havendo sido escavada na rocha branda uma cavidade oblonga rectangular, funda menos de um decimetro, que serviria como de caldeira impermeavel à cova aberta. A impressão que me ficou do exame do local foi a de que, como em Carmona (canada de Ruiz Sanches), o terreno seria cavado até à rocha, e dentro da fossa se ergueria, aflorando na terra, a pira de combustivel em que deposto, o cadaver se consumiria.

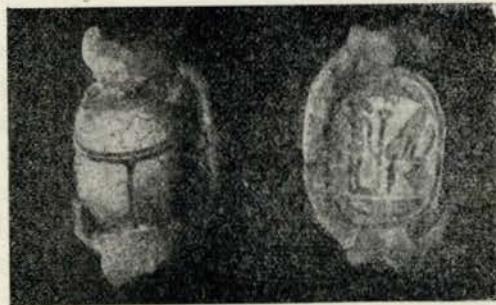
O ençontro de mais duas sepulturas do mesmo genero, logo a seguir, e dispostas paralelamente a esta, parece confirmar a opinião expendida, tanto mais que a rocha se encontra estalada do fogo, fogo que coseu igualmente o terreno em volta do fundo das fossas, transformando a argila em tijolo.

Como estas sepulturas, que na exploração têm os n.<sup>os</sup> 48, 49 e 50, representam uma novidade entre nós, abstenho-me, por agora, de mais considerações sobre o assunto, que futuros trabalhos esclarecerão.

O que devo frisar é que a sepultura n.<sup>o</sup> 48 se encontrava em estrato inviolado, quasi um metro mais abaixo da zona das urnas acompanhadas de armas, (que todas achei a debil profundidade); que na mesma sepultura, sobre a rocha queimada e estalada do fogo se encontraram restos de ossos, cinzas e as joias mencionadas, a que devo juntar uma delgada haste de prata de 0,02 de comprimento; e que ao lado dessa sepultura se seguem outras no mesmo genero, paralelas, orientadas todas no sentido nascente-poente. A campanha proxima aclarará decerto este ponto, tão importante para o conhecimento da idade e vicissitudes da necrópole; permitirá talvez decidir se devemos falar apenas de um comercio ou tambem de uma ocupação de povos mediterrânicos.

Tendo enviado para Londres, a fotografia do amuleto da sepultura n.<sup>o</sup> 48, recebi do illustre egiptologo H. R. Hall, do British Museum, uma carta de que, com a devida venia, transcrevo os periodos mais interessantes e esclarecedores:

«*Monsieur*. Le scarabée que vous venez de trouver à Alcacer do Sal est égyptien de fabrication égyptienne; pas une imitation phénicienne de style égyptien..



ESCARAVELHO-AMULETO ENGASTADO EM ARG DE PRATA  
SEPULTURA N.<sup>o</sup> 48

## UM AMULETO EGIPCIO DA NECRÓPOLE DE ALCACER DO SAL

C'est très intéressant, parce que c'est un scarabée contemporain du roi Psammétique I, qui regna de 663 à 609 av. J. C. Outre le soleil volant et la déesse Sokhmit (lionne) ou Bastet (chatte) on voit dans le dessein le nom d'intronisation (nom d'Horus, ou de l'épervier) de Psammetique, comme ceci: *l'Horus O-ib* (sc. *Grand de Cœur*). Les autres noms de ce roi n'apparaissent pas sur ce scarabée, étant Uahibre Psamatik. Je veux vous faire mes félicitations sur cette intéressante trouvaille en Portugal. J'espère que vous la publierez aussitôt que possible, m'avertissant afin que je puisse la signaler dans les journaux égyptologiques. . . »

Percorrendo os admiráveis «Guias» do Museu Britânico concernentes às antiguidades egípcias, guias que são, mais que catalogos, verdadeiros expositores de história, encontrei em *A Guide to the third and fourth Egyptian Rooms* (London 1904), p. 208, e em *A Guide to the Egyptian Collections in the B. M.* (London 1909), p. 300, o nome de Psamético tal como aparece escrito em cartouches de escaravelhos sagrados, — *Uah-âb-Râ, filho do sol, Psemthek* —, um pouco diverso da maneira do de Alcacer.



ANEL DE PRATA COM ENGASTE MOVEL,  
DOURADO — SEPULTURA N.º 48

Como é geralmente conhecido, o *scarab*, simbolo de Khepara, uma das formas do deus-sol, deus da resurreição, não falta nunca, por causa do seu significado, nas sepulturas. Colocava-se nas mumias precisamente sobre o coração.

O de Alcacer, por haver sido queimado com o corpo, deteriorou-se um pouco, perdendo parte do aro e algumas patas, desagregando-se a massa interna entre dorso e campo. O que foi gravado neste está porém muito nitido. Sob o sol alado que ocupa todo o timpano superior vê-se de pé uma deusa com cabeça de liôa (?), segurando na mão esquerda uma haste florida no tópo, e na direita o *ankh*, simbolo da vida. (1) Vê-se depois o gavião e um outro sinal em forma de cedilha, que se referem a Horus, o grande deus-sol, de que o monarca se considerava filho; e finalmente, por baixo, dois hieroglifos, um dos quais, o que tem a forma de um vaso bojudo e com asas, significa *âb*, o coração. O amuleto mede, com o aro, 0,02 de comprimento, estando ampliado na gravura.

Psamthek ou Psammetichus era filho de Nekau, governador de Saïs. Combatu os assirios durante muitos anos, conseguindo com o auxilio de mercenários carios e jônios expulsa-los e tornar-se senhor do Egipto. Estabeleceu guarnições em Elephantina, Pelusium, Marea e Daphane, donde as suas tropas helenicas vigiavam a fronteira oriental. Protegeu naturalmente todos os gregos, a uma colonia dos quais concedeu Naukratis, sobre o ramo canopico do Nilo. Nessa celebre cidade,

(1) Acêrca do *Ankh*, ver o recente artigo da *Revue Archeologique*, numero de Janeiro-Março, de 1925, «La croix ansée des anciens égyptiens», par Pierre Montet.

## UM AMULETO EGIPCIO DA NECRÓPOLE DE ALCACER DO SAL

unico exemplo de colonia grega aberta e internacional, à volta do *Hellenion*, o santuario comum, agrupavam-se os arruamentos dos nativos de nove cidades asiaticas: Chios, Téos, Phocea, Clazomenes, representando a Jonia; Mitilene, a Eolida; Ródes, Halicarnasso, Cnido e Phaselis, a Dorida. Os de Mileto, de Samos e de Egina, ocupavam, ao que refere Herodoto, bairros distintos com seus templos particulares. «Da praça comercial de Naukratis, porta oficial do Egipto para os gregos, parte toda a pacotilha egípcia, os pequenos objetos de faiança, por exemplo, que se tem encontrado não somente em Mileto, mas tambem nas colonias miletenses até o fundo do Ponto-Euxino», escreve A. Jardé, seguindo Marschall, em *La Formation du Peuple Grec* (Paris, 1923).

Ora sendo o escaravelho da sepultura n.º 48 de Alcacer do Sal, do tempo de Psamético, e genuinamente egipcio, poderemos admitir que ele saiu do Egipto por Naukratis, e que por intermedio de focences ou samios, os exploradores gregos do Mediterraneo occidental, chegaria até nós. E deve notar-se que tendo Cartago expurgado as aguas do sul da Ibéria dos mesmos focences e samios, talvez desde 542 em diante, anteriormente a essa epoca haveriamos de admitir a sua vinda.

Outras hipoteses são possiveis: a de que o amuleto fosse pertença de um dos mercenarios jónios e que por ele, regressado á patria, fosse transmitido a um compatriota aventureiro; ou ainda que através navegantes púnicos chegasse à Ibéria.

O que me parece é que ele difere dos *escarabeos* de Ibiza e Cadiz, esses claramente de pacotilha fenicia. Por outro lado é certo que nos hipogeus de uma e outra localidades são vulgares os aneis ou argolas com aro giratório, no genero da que apareceu junta com o amuleto egipcio.

Pelayo Quintero e Francisco Cervera, os escavadores de Cadiz, ainda não se pronunciaram decididamente acêrca dos construtores de hipogeus, sepulturas que consideram do seculo iv. Gimpera (*Annuari*, 1923, p. 885) fala dos meados do milénio I. A. C. Admitindo um periodo de uso relativamente largo para as joias da sepultura n.º 48 — ninguem é enterrado hoje com joias do seculo xvi ou xvii — poderemos sem custo acreditar que datam do seculo v tais hipogeus, isto arredando de toda a possibilidade de eles pertencerem ao seculo vi, coisa que aliás não me repugnaria aceitar.

As Baleares, Cadiz, Tútugi, Baria e toda a costa mediterranea da Ibéria, não podem ser perdidas um momento de vista por quem estuda essa admiravel necrópole de Alcacer do Sal, que a dedicação de um benemerito agora permite tornar conhecida do mundo arqueologico.

VERGILIO CORREIA.

## CRONICA

### SATISFAÇÃO AOS LEITORES

Desde ha cinco numeros que a *Terra Portuguesa* ocupa grande parte da sua cronica em paradas, directos, fendentes, réplicas e tréplicas, infelizmente tornadas necessárias para meter na ordem certos *soi-disant* super-homens, que agremiados no conventiculo da *Lusitania* se permitiram exceder os limites da critica e do bom senso. Parcelarmente tenho ido liquidando ineptias e afirmações injustas ou infundamentadas. Tal trabalho parece-me estar quasi findo, pois meus adversarios compreenderam já que desta banda não se cede um passo e que eu nada tenho perdido — antes pelo contrario! — na contenda.

A critica justa, equilibrada e sincera, engrandece. Proceder como a *Lusitania* fez, comigo e com outros, deslustra uma publicação.

Nesta altura apraz-me consignar que não me faltou durante a guerricula o auxilio eficaz, unico que recebi, do proprietario da *Terra Portuguesa*. Antes de iniciar a minha defesa dirigi-me a D. Sebastião Pessanha e expus-lhe a minha situação, a necessidade de rechassar o ataque com uma ação eficaz na *Terra Portuguesa*. Apezar de nada ter com as minhas questões, de estar em boas relações com alguns dos que me atacavam, D. Sebastião Pessanha respondeu-me: «O meu amigo dirige comigo a revista desde 1916 e só tem trabalhado para ela. Necessita agora de um órgão para se defender; disponha da *Terra* como entender». Resposta de amigo, de uma generosidade e grandeza de alma que devotamente apreciei, e que publicamente lhe quero agradecer aqui.

O passado da *Terra Portuguesa* mostra bem como só a injustiça de ataques dirigidos, me forçaram a adotar uma maneira literaria que não está nos meus habitos. Mas para certa casta de pedantes o unico processo a seguir é a crueza de apreciação e a troça.

Não faço, nunca fiz, campanhas de odio; creio que nem odio tenho a ninguem. Abomino porem a ação dos que fundamentados em posições melhor ou pior conquistadas e em *coteries* de fancaria se permitem, quer limitar a liberdade de trabalho alheio, quer depreciar propositada e sistemáticamente esse trabalho.

### LIQUIDAÇÃO DE CONTAS

Depois de liquidados os assuntos referentes a J. de Figueiredo, R. dos Santos e L. Freire, falta-me arrumar o caso Lopes Vieira.

De quantos se atiraram com raiva mais ou menos patente, às minhas pobres... obras e feitos, o mais acirrado foi o poeta Lopes Vieira. Um amigo, que é tambem um alto espirito e um admiravel prosadór, dizia-me por meados da questão: «a Figueiredo toda a gente o conhece; Freire é um impulsivo, Reinaldo um *poseur*. O unico adversario serio que você tem ali é o Vieirinha. Esse, como tabelião do Congresso, que foi, ou é, tem-lhe uma *rancune de vieux notaire* que não perdoa».

Tenho reconhecido a verdade daquela observação. O poeta odeia com prazer, com sensualidade, devora-se, consome-se no duplo gôso da autolatria e do odio. É um requintado do odio, que o cocafniza, lhe exalta os nervos, e dispõe, quem sabe, para o sonho, para a prosa e para o verso!

Ora, triste de mim, eu fui um dos marcados pelo destino para elemento odiado, restando-me apenas o consolo de pensar que o meu sacrificio se destina a facilitar a produção de belas obras...

## CRONICA

Amarrado voluntariamente à grilheta de uma especialização, procurando viver a vida a meu gosto, sem ser mandarim, nem mandadinho, não havendo nunca firmado no que sei e no que estudo trampolim para qualquer situação fóra da minha orbita, julgava-me ao abrigo de encontros com o meteórico Vieira. Quiz porem o supracitado destino que ao cruzar casualmente essa orbita, o poeta maguasse nas asperezas da senda e dos arrifes as plantas, ou as azas, como preferirem, e daí a vesânia irosa que me atingiu.

Reparem os leitores na sucessão de factos que vou apresentar...

Em 1922 o sr. R. dos Santos resolveu editar na Imprensa da Universidade de Coimbra um livro intitulado a *Torre de Belem*, encarregando Lopes Vieira da direcção tipografica da obra, pois estava verdissimo nesses assuntos, como bem o demonstra o artigo que publicou no *Boletim de Arte e Arqueologia*. Desse livro publicou, em junho do mesmo ano, em o *Diário de Noticias*, o prefácio, consubstanciação das teorias e orientação da obra, que assim nos foi revelada nos seus tópicos.

Fundamentado nesse artigo, ataquei logo a *miragem marroquina* que se atirava a publico, e por causa dele escrevi artigos e visitei até Marrocos mais cedo do que contava fazê-lo.

Lopes Vieira, porque a composição do livro — por culpa do proprio autor — se atrasava, e ele via desmoronar as teorias de R. dos Santos antes do livro aparecido, indignou-se com a Imprensa e escreveu para lá um postal, que por ser um postal eu tive ocasião de lêr, verberando os atrasos, que, na sua propria expressão, «favoreciam as manigancias de terceiro!»

Qué tal?

Não contente com esta insinuação, desagradabilissima para o Director e Chefe das Oficinas da Imprensa, no panegirico que fez da obra do amigo, em a *Lusitania*, I, (Bibliografia, pag. 123), voltou a ferir a mesma tecla, quando escreveu acêrca da prioridade de R. dos Santos em considerar de origem marroquina o manuelino de Belem: «e uma nota no final do volume — velada, se bem que muito grave pelo que ali prefere discretamente calar — o fica atestando por meio do fiel testemunho das datas».

O que o sr. L. V. quiz insinuar, num e noutro caso, foi isto. Que a Imprensa me favorecia demorando a *Torre de Belem*; e mais, que me dava conhecimento da obra.

A unica, sacudida, resposta que se pode dar a tal insinuação, è que o Director da Imprensa e o Chefe das Oficinas são dois homens honrados, tão honrados como o sr. Lopes Vieira se arroga publicamente o direito de o ser.

Porque chegou L. V. a crêr na possibilidade de um procedimento destes, da parte de quem, de mais a mais, estava em ótimas relações com o mesmo L. V.?

Redunda em desprimor da intelligencia do sr. L. V. a explicação que se tentar desse facto. O poeta é uma intelligencia limitada, melhor direi, confinada; e não é um erudito. Toda a sua obra o demonstra. Preocupado com a forma, a cadencia, o ritmo, abandonou a criação, e modela, conforma, adapta, amolda, aformoseia, se quizerem, o que está feito. Mas não passa disso. Sobre arte, *A poesia dos paineis de S. Vicente* e *Da reintegração dos primitivos* são meros arranjos literários e encomiásticos sobre cousas dos amigos. Na literatura de reconstituição, a *Campanha Vicentina*, o *Amadis*, o *Poema do Cid* e a *Diana*, revelam a mesma orientação. Ando demasiado fora do movimento puramente literário para apreciar esses livros. Quando apareceu a *Diana* dei-me, porem, numa hora de repouso, ao trabalho de confrontar o original castelhano de Jorge de Montemór, com o arranjo do poeta português, e francamente, achei a *Diana* em português de Afonso Lopes Vieira uma inutilidade, pois me impressionava muito mais o texto espanhol, como aliás deveria ter sucedido aos portugueses de quinhentos.

Não passando pois de uma intelligencia confinada, e não podendo ser um erudito, o sr. Lopes Vieira não compreendia que eu conhecesse do assunto em que R. dos Santos penetrara apenas, tanta cousa. Pois fique sabendo o sr. Lopes Vieira, que não ha aí nenhum investigador de segunda ordem, já não digo de primeira, que não possua, nos seus papeis ou na sua memoria, cem vezes mais material que um poeta. É da profissão...

Não contente com isto, e outras cousas que calo, mas que a campanha da *Lusitania* pôs recentemente em evidencia, o sr. L. V. foi propôr, para o *Grupo dos Amigos do Museu de Arte Antiga*, a minha eliminação, com o fundamento de que eu ofendera na imprensa o mesmo

## CRONICA

grupo, afirmação tonta e malquerente, pois a unica vez que me referi ao *Grupo* foi na *Terra Portuguesa*, n.º 38, a paginas 34, e ninguem aí pode descortinar ofensa a essa colectividade.

Que dizem a isto os leitores; o poeta está ou não rabioso?

Está, de facto, e isso reconhece-se até exteriormente, no aspecto terrífico, na mirada sombria. Aquele olhar!...

Ha dias palestrava eu com um amigo pela Rua da Prata, quando ao viravoltar dos cem passos dei de cara com L. V. que descia do passeio do largo de S. Nicolau. Era tão negro, profundo, e trespassante o seu olhar de *jettatore* que subrepticamente engatilhei dentro do bolso uma figa, a qual só desarmeí quando o vi perder-se, compassado e airoso, nos longes movediços da rua.

Leitor amigo; quando vires esse olhar, faz como eu, arma-lhe uma figa. É remedio santo contra o mau olhado, que o meu particular amigo Leite de Vasconcelos repós em moda, depois da sua recente e famosa conferencia, só para homens, na Escola Médica do Porto.

## CONGRESSO LUSO-ESPAÑHOL PARA O PROGRESSO DAS SCIENCIAS

Realizou-se de 14 a 19 de julho em Coimbra, este Congresso, cujas ultimas sessões foram em 1921, no Porto, e 1923, em Salamanca. Valiosa foi a colaboração de cientistas portugueses e espanhoes neste certame, e escolhida a assistencia que nele se congregou. Os criticos de arte e arqueologos espanhoes foram representados pelos srs. Llanos y Torriglia e P.º Cesar Moran, o investigador illustre da região salmanticense.

## CURSO DE FERIAS NA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Iniciou-se em meados de julho, em Coimbra, com um sucesso tão consolador como inesperado, um Curso de Férias, o primeiro que se inaugurou em Portugal. Frequentado por portugueses, norte-americanos e alemães, muitos dos quaes professores, a sua realização representa uma vitoria da intelectualidade portuguesa, que muito deve orgulhar o seu organizador e propulsor, o sr. Doutor Mendes dos Remédios, director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O corpo docente é constituído pelos professores da Faculdade e pelo Dr. Vallejo, do Centro de Estudios Históricos de Madrid. Colaboram ainda com conferencias, professores estrangeiros e nacionaes.

## LIVROS

Sendo bastantes aqueles cujo envio tenho a consignar, limito-me, pelo apertado espaço de que disponho, a indicar os seus titulos, reservando para o numero seguinte a critica dos mais importantes.

*La vida de nuestros antecesores paleolíticos*, Madrid, 1923; e *Las pinturas prehistóricas de las cuevas de la Araña (Valencia)*. — Madrid, 1924, por Eduardo Hernandez-Pacheco: — Mais dois livros, admiravelmente escritos e documentados, com que o illustre paleontologo e prehistoriador do Museu de Ciencias Naturales, enriquece a literatura espanhola.

*Catalech dels vidres de la col·leció Amatller*, Barcelona, 1925: — E' um notabilissimo catalogo de vidros, em especial arqueológicos, hoje em poder da seónora Teresa Amatller, de Barcelona.

*Licurgo en España*, Madrid, 1925, por Juan de M. Carriazo: — Trabalho de um novo, mas de um novo que é no campo das ciencias históricas e arqueológicas, uma das mais formosas e fortes organizações de investigador e critico, do «Centro de Estudios Históricos».

## CRONICA

*Martin Schongauer y algunas miniaturas castellanas*, Madrid, 1925, por Diego Angulo: — Outro novo e outro grande trabalhador dos que se recolhem no «Centro de Estudios Históricos» á sombra de bons mestres e de uma organização modelar. A História da Arte é o campo preferido por Diego Angulo.

*Excavaciones en el Cabezo del Cuervo, termino de Alcaniz (Teruel)*, Madrid, 1924, por Pierre Paris: — O ilustre arqueologo hispanista mostra, nesta nova monografia, quanto continuam a interessar-lhe os estudos peninsulares de arqueologia e arte. A *Memória* é a primeira de uma série a publicar sobre a mesma região.

*Do Valor Histórico de Fernão Lopes — Esboço critico do «D. Pedro I e a sua época»*, do sr. general Moraes Sarmiento, pelo Dr. M. Gonçalves Cerejeira, professor na Faculdade de Letras de Coimbra (sep. da *Biblos*, n.ºs 4 e 5, Abril e Maio de 1925).

*Viseu — Estudo de uma aglomeração urbana, e Arte Rupestre em Portugal (Beira Alta)*, Coimbra, 1925, pelo Dr. A. de Amorim Girão.

*A antiga Sinagoga de Tomar, e Uma iluminura do seculo XVI*, separatas de «Arqueologia e História», n.ºs IV e V das «Contribuições para a História das Artes em Portugal», pelo coronel F. A. Garcez Teixeira.

*A obra litográfica de Domingos Antonio de Sequeira — Com um esboço histórico das origens da litografia em Portugal*, Lisboa, 1925, pelo Dr. Luiz Xavier da Costa.

*A sepultura de Fernão Soares, pagem do livro delrei Dom João III existente no convento de Almeirim*, Lisboa, 1924 (sep. da *Arq. e Hist.*), por Frazão de Vasconcelos.

*Iconografia de Camões (seculos XVI e XVII)*, Lisboa, 1924, por Afonso de Dornelas.

*A Patria portuguesa e brasileira*, Lisboa, 1925, por Nuno Catharino Cardoso. — Cuidada e bem organizada antologia de poesias portuguesas e brasileiras que bem poderia o Estado adotar nas Escolas.

*Camilo* — Conferencia promovida pela Universidade Livre e pronunciada no salão nobre dos Paços do Concelho de Coimbra, em 16 de Março de 1925, por Vitorino Nemésio.

*Barros de Coimbra — Lições de Afonso Duarte — I*, Coimbra, 1925. — Texto do poeta coimbrão e desenhos Van Hoertre de Teles Machado, etc.

*Revistas: De Portugal.* — O n.º 3 desta variada e interessante revista insere sob o titulo *Antas ou Dolmens de Pavia*, um artigo de divulgação, bebido na leitura do livro *El Neolítico de Pavia*, do director desta revista. E' seu autor o sr. João Maria Varregoso.

*Dionysos*, revista bi-mestral de filosofia, sciencia e arte. — Saiu sob a direcção do professor Aarão de Lacerda, a velha *Dionysos* que ele creou e sustentou amorosamente em Coimbra.

*Biblos*. N.ºs 3 a 7. — Nos n.ºs 6 e 7 inseriu, respectivamente os trabalhos do director desta revista — *Fechos de cinturão da necrópole de Alcacer do Sal*, e *Uma conferencia sobre a necrópole de Alcacer do Sal*, primeiras contribuições para o estudo do importante cemiterio protoistorico.

*Archivo Español de Arte y Arqueologia*, Madrid, 1925: — Acaba de aparecer o 1.º numero, grosso tomo profusamente ilustrado, desta publicação, orgão das secções de Historia de Arte e Arqueologia do *Centro de Estudios Historicos*, de Madrid. E' dirigida por D. Manuel Gomez-Moreno e D. Elias Tormo, e secretariado por Sánchez Canton. Estes nomes são a mais solida garantia do valor da revista, que insere já no 1.º numero uma admiravel serie de artigos, como: *Sobre el Renascimento en Castilla*, de Gomez-Moreno; *Mestre Nicolás Frances, escultor*, de Sánchez Canton; *Un escultor animalista del siglo XIV*, de R. de Orueta; *Arquitectura hispanica. El sepulcro de Toya*, de Juan Cabré; e *Juan de las Roelas. Aportaciones para su estudio*, por Diego Angulo Iniguez.

CHRONIC

The first part of the work is a general history of the State of South Carolina, from its first settlement by the English in 1670, to the present time. It is divided into three parts: the first part contains a general history of the State, the second part contains a history of the several counties, and the third part contains a history of the several towns and cities. The second part is the most interesting, as it contains a full and complete history of each county, and is a valuable source of information to the reader. The third part is also very interesting, as it contains a full and complete history of each town and city, and is a valuable source of information to the reader. The work is written in a clear and concise style, and is a valuable source of information to the reader.

